

O ensaísmo trágico

1. Múltiplas e imediatas são as dificuldades que se levantam a quem aborda a obra de Eduardo Lourenço com o fito de nela encontrar linhas de força visíveis: primeiro, a necessidade de seguir os meandros de um pensamento complexo, expresso numa escrita densa que se desdobra em estratos diversos de sentido, sob pena de simplificar e reduzir o que se quis deliberadamente profuso, labiríntico, inesgotável; obrigando assim a desvios metodológicos e heterodoxias várias, e sobretudo a uma distância em relação ao seu trabalho, em nome precisamente dos seus próprios princípios. Depois, o âmbito considerável da obra, que se abre para inúmeros campos, filosófico, literário, artístico, político, histórico; obra que se vai construindo paradoxalmente ao acaso dos acontecimentos, mas seguindo sempre a lógica singular de um mesmo pensamento crítico: «work in progress», que vai pensando a modernidade e a produção cultural mais recente. De Eduardo Lourenço se poderia também dizer que «não

evolui, viaja», e no entanto, ele é capaz de acompanhar as mais finas mutações da obra de um escritor, como se a sua, de pensador e crítico, dispusesse sempre dos instrumentos conceptuais aptos a captar os movimentos da contemporaneidade mais imediata.

Enfim, existe uma outra dificuldade que é já uma lacuna paradoxalmente, não há estudos de fundo sobre a sua influência na literatura e na cultura portuguesas, nada sobre o impacto que teve e tem nos escritores, políticos, e na «inteligentzia» em geral. Quando esses estudos surgirem — e surgirão um dia, certamente —, bom seria que participassem dessa mesma vida inquieta do espírito, atenta ao real e ao presente móbil e recusando toda a forma de autocomplacência que caracteriza o pensamento do autor do *Labirinto da Saudade*.

2. Haverá talvez uma razão maior que explique a falta desses trabalhos de fundo: o âmbito ou a perspectiva em que sempre se colocou o ensaísta. Vastíssimo, sobrevoando a história e o destino da cultura portuguesa, Eduardo Lourenço aparece muitas vezes como a *consciência crítica* deste país. E porque a integra na perspectiva ainda mais larga da cultura europeia, ele será porventura dos raros portugueses a possuírem uma ideia da situação de Portugal no mundo de hoje. Quando digo «situação» não me refiro a enquadramentos sociológicos, económicos ou políticos mas, mais profundamente, ao que se poderia chamar a «situação espiritual» — em conexão com todas as outras mas que, de certo modo, as determina.

É difícil, pois, «situar» (no sentido definido) uma obra que se deu por objectivo pensar e escrever sobre

a situação existencial de toda uma cultura. O seu autor é crítico literário, e reflecte sobre a crítica literária e sobre a teoria da crítica; é pensador, e pensa sobre o pensamento português, e sobre o pensamento da modernidade em geral, etc. Seriam precisos outros quadros de referência, outros conceitos e, sobretudo, outro tipo de «consciência crítica» que se erigisse em metadiscurso de um discurso que já de si é um metadiscurso. Ora, um tal discurso não existe actualmente em Portugal. Não digo que não esteja a nascer; mas por ora, não há.

3. Significa tudo isto que Eduardo Lourenço tem um pensamento. Um pensamento é coisa rara. Não se define como visão do mundo, nem como concepção global, ou mesmo parcelar, da história, mas como um movimento de conceitos que cria o seu próprio campo operatório. O que implica, em geral, a invenção de conceitos, e uma abertura inédita para domínios inexplorados. Quer dizer: um pensamento caracteriza-se, antes de mais, pelo seu próprio movimento, pelo movimento de pensamento. Um pensar sem pensamento pode ser uma aplicação mecânica de conceitos preexistentes, uma imitação de um pensamento original: em nenhum destes tipos de pensar o movimento de pensamento se aventura para além de um molde preestabelecido.

O que desde logo impressiona, no pensamento de Eduardo Lourenço, é a sua extrema mobilidade, a sua vivacidade ímpar. É com este movimento tão peculiar que analisa, descobre e nos faz descobrir novos aspectos, outras ideias e outras lógicas nas questões que

aborda. Não há propriamente invenção de conceitos em Eduardo Lourenço. O seu tipo de análise opera através de um movimento típico que procuraremos descrever. Digamos desde já que não entra em nenhum dos dois — simplificando — procedimentos clássicos da análise: ou, partindo de «grandes» conceitos, desconstrói-se e fragmenta-se um campo, mas sempre com o horizonte reconfortante e estável da síntese que proporcionam esses mesmos conceitos (como Hegel, ou Kant que, com conceitos como «esquematismo», «juízos sintéticos *a priori*», explora o domínio da constituição do objecto); ou, sem a segurança desse horizonte, sem a ajuda de conceitos dados, exercendo a actividade pura e directa, e quase esquizofrénica de decomposição de noções (como é frequentíssimo em Husserl). Entre estes dois grandes modos de analisar, Eduardo Lourenço inventa um terceiro, utilizando os conceitos como figuras simbólicas e imprimindo-lhes um movimento infinitamente, e aparentemente, aporético.

4. Como se desencadeia esse movimento de pensamento? De que fonte brota? E de que modo se anima, a ponto de parecer por vezes possuído por uma pulsão interna inesgotável?

O ponto de origem, se é que é possível falar aqui de origem, é a experiência trágica da existência. Essa experiência, repensada através de inúmeros criadores e pensadores, mas decisivamente com Kierkegaard, viveu-a o autor de *Heterodoxia* para além ou para aquém das palavras, com uma intensidade indelével de que toda a sua obra é testemunho.

O que é a experiência trágica da existência? A de que não há justificação visível, racional, assegurada por uma Verdade exterior e transcendente para a nossa vida, e para o valor da vida; que deste nunca se pode ter uma certeza reconfortante trazida por uma ideia ou uma essência, restando-lhe apenas ser objecto de luta e sofrimento, sem garantia nenhuma de redenção. Deus morreu e o homem perdeu as referências do seu destino. O trágico vem da absoluta opacidade da existência e, por consequência, da impotência da linguagem que a nomeia e anseia por captar. E assim a própria linguagem se enche de trevas, deixando de aparecer transparente a si mesma. Há um «sem nome», um «abismo» que se cavou irremediavelmente em cada existência humana singular, e que marca as múltiplas cisões que a dilaceram: entre Deus e o homem, entre o homem e o homem, entre ele e a linguagem, entre esta e o real. Como elaborar qualquer discurso com a garantia de atingir a realidade, se a realidade é, antes de mais, a existência enquanto separação, ausência, desajustamento ontológico? Atentemos a este texto de *Heterodoxia I*, a propósito de Hegel. O autor precisa aí, «a nossa ideia da essência da filosofia, concebida não como solução, mas como *metafísica da interrogação*, *definida* em função da ideia-limite da expressão do incomunicável e inabarcável sentimento que cada um adquire da existência como totalidade. E isto porque temos o *sentimento* (que pode evidentemente ser expresso de uma forma mais ou menos adequada por um sistema de ideias) de que a existência não é problemática, mas *metaproblemática*, uma vez que o próprio questionante está perpetuamente envolvido pela pró-